

O PROFESSOR DE LETRAS E O SEU DISCURSO: A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR

Gilton Sampaio de Souza¹
Rosa Leite da Costa²

RESUMO: Os estudos retórico-argumentativos contemporâneos apontam para a necessidade de reflexão sobre o papel da imagem do orador do discurso nos processos de constituição de sentidos. Partindo, então, do pressuposto de que a imagem que o próprio orador/enunciador transparece e revela de si (o *ethos*) no discurso tem papel fundamental no êxito das discussões e na defesa de pontos de vista em processos interacionais, objetivamos, aqui, discutir o *ethos* do professor de línguas, refletindo sobre a forma como ele constrói a imagem de si, enquanto profissional da área de Letras, considerando o(s) seus(s) possível(is) interlocutor(es) e as condições de produção do discurso. Como universo de estudo, temos os professores que atuam no Ensino Superior, especificamente no Curso de Letras do CAMEAM/UERN. Tomaremos como objeto de análise as respostas ao questionário dadas pelos professores sobre o seu trabalho com os gêneros discursivos em sala de aula. Para tanto, fundamentamo-nos na perspectiva de linguagem como interação social de Bakhtin (1995/1997), nos postulados da Nova Retórica ou Teoria da Argumentação, de Perelman e Tyteca (2002), na discussão retórica sobre o *ethos*, de Amossy (2008) e na contribuição de autores como Reboul (2002), Souza (2008) e Meyer (2007). Os resultados apontam para a construção de um sujeito histórico/institucional que recorre a diferentes estratégias de convencimento, para construir uma imagem de credibilidade e confiança. Esperamos, dessa forma, contribuir para o estudo de questões relativas à argumentação no discurso e ao próprio papel do professor como mediador de práticas educativas.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. *Ethos*. Argumentação.

ABSTRACT: *The contemporary rhetoric – argumentative studies show the necessity of reflexion about the function of the discourse orator’s image to the process of constitution of the meanings. Then, considering the fact that the image that own orator/enunciator appears and reveals from him (ethos) in the discourse has fundamental function in the success of the discussions and in the defense of view points about process of interaction. We aim, here, to discuss about ethos of the professor of languages, reflecting about the way he construct his own image as a professional in the Teaching of Letters, considering his possible interlocutors and the production conditions of the discourse. We take as analysis’ object the answers presented by the teachers*

¹ Docente do Departamento de Letras e do PPGL/CAMEAM/UERN;

² Docente do Departamento de Letras/CAMEAM/UERN e Mestranda do PPGL/UERN.

about their own works with the discursive genres in classroom. Then, we consider language in the perspective of the social interaction studied by Bakhtin (1995/1997), in the contribution of the New Rhetoric or Argumentation Theory defended by Perelman and Tyteca (2002), in the rhetoric discussion about ethos by Amossy (2008) and in the contribution of some authors as Reboul (2002), Souza (2008) e Meyer (2007). The results point to the construction of a historical and institutional fellow which appeals to different convincing strategies, to construct an image of credibility and confidence. We wait, in this way, to contribute to the study of questions related to the argumentation in the discourse and related to the own function of the professor as a articulator in execution of the educative practices.

KEYWORDS: *Discourse. Ethos. Argumentation.*

Palavras iniciais

O presente trabalho faz parte da pesquisa *A função social dos textos trabalhados no ensino de língua materna e estrangeira: um estudo acerca dos gêneros discursivos adotados no Ensino Médio e Superior*, financiada pelo CNPq/UERN e realizada no período de agosto de 2007 a agosto de 2008. Nosso recorte, de natureza documental e de campo, tem como fonte a relação dos professores de Letras do 5º e 7º períodos do CAMEAM (cedida pelo Departamento de Letras), com os dados sobre a formação acadêmica e tempo de atuação desses professores no magistério e na instituição. A pesquisa de campo foi realizada no ambiente de trabalho dos professores, no próprio *Campus* Universitário, com aplicação de um questionário que investigava sobre suas concepções teóricas e suas práticas de sala de aula.

Nosso estudo compreende a revisão dos conceitos de argumentação no discurso, postulados pela Nova Retórica, de Chaim Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), acrescida da contribuição de autores como Reboul (2002) e Souza (2008), considerando as discussões sobre a linguagem como interação social, segundo Bakhtin (1995; 1997), e, ainda, a compreensão do que seja o *ethos* na Nova Retórica, conforme Amossy (2008) e Meyer (2007), entre outros.

Assim sendo, consideramos relevante discutir o *ethos* dos professores do Curso de Letras do CAMEAM/UERN, partindo do pressuposto de que a própria universidade, por tratar-se de um setor da sociedade que promove atividades de ensino, pesquisa e extensão, também deve levar e/ou permitir aos seus alunos, professores, funcionários e à sociedade em geral, informações sobre a constituição discursiva da própria instituição e de seus profissionais.

1. A argumentação no discurso

Há diferentes perspectivas teóricas preocupadas com as questões argumentativas da linguagem que, de uma forma geral, podem ser classificadas em duas instâncias: *teoria da argumentação na língua* (TAL), cuja atuação se dá por compreender o funcionamento argumentativo de elementos lingüísticos inerentes à estrutura da língua; e *teoria da argumentação no discurso* (TAD), que propõe uma abordagem discursiva da argumentação, pois parte do princípio da interação entre os interlocutores do discurso, compreendendo este discurso como também de uma instância social, discursiva e ideológica em que os sujeitos estão envolvidos. É sobre esta última que nos detemos aqui.

A argumentação no discurso, representada hoje especialmente pela Nova Retórica, de Chaim Perelman e Obstrect Tyteca (2002), recupera da Retórica aristotélica conceitos como orador, auditório, entre outros, e os aplica à funcionalidade de todo e qualquer discurso, pois não interessa mais restringir-se aos discursos judiciário, deliberativo e epidíctico, característicos dos estudos daquela época. Para esses autores, e, ainda, conforme estudos de Souza (2008), a argumentação deve ser entendida como uma ação humana, uma ação que implica o ato de convencer o outro sobre a validade de uma opinião defendida; uma ação que, para ser efetivada, necessita de uma interação entre o orador e um auditório, em situações reais de uso da linguagem. Assim sendo, a argumentação busca a adesão dos interlocutores. O êxito ou não do discurso depende da maneira como ele é defendido, por isso é preciso termos em mente que o ato de argumentar é um processo que envolve uma tese (*logos*) a ser defendida pelo orador, a imagem que esse orador faz dos interlocutores/auditório (*pathos*) e para o qual dirige seu discurso; e, ainda, a sua própria imagem (*ethos*), visando à credibilidade.

2. A noção de *ethos* na Nova Retórica

O ato de tomar a palavra envolve sempre uma imagem do enunciador e, por esta razão, diferentes perspectivas de estudos do discurso, desde a Linguística da Enunciação, passando pelas correntes pragmáticas e a Análise do discurso de linha Francesa, consideram a importância

de se estudar a imagem daquele que fala, pois as marcas do *ethos* fazem parte da constituição de sentido do discurso e são constitutivas da própria realidade que se apresenta aos interlocutores.

Nos estudos retórico-argumentativos, o *ethos* é tido como a imagem do orador construída perante seu auditório, deixando-se marcar no próprio discurso dos interlocutores. O *ethos* já não se limita àquele que fala pessoalmente, nem tampouco a um autor de texto, cuja presença pouco importa, ele se apresenta de maneira geral como aquele com quem o auditório se identifica e, em última instância, a todos os interlocutores envolvidos no processo de interação verbal. Conforme nos diz Meyer (2007), o *ethos* é uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo e que o torna exemplar aos olhos do auditório, que, então, se dispõe a ouvi-lo e a segui-lo.

Assim, para Souza (2008), no contexto da argumentação, a dinâmica do discurso consiste em o orador tentar convencer o auditório da validade de suas teses (*logos*), construindo a sua imagem (*ethos*) e, ao mesmo tempo, a imagem deste auditório (*pathos*), visando persuadí-lo. Nestes termos, Aristóteles (sd), na Arte Retórica, propunha que a conquista da confiança desse auditório depende de algumas características como a prudência, a virtude e a benevolência do orador, uma vez que, para este filósofo, *ethos* é sinal de moralidade (ARISTÓTELES, sd, p. 189). A esse respeito, Reboul (1998) nos diz que o *ethos* é um termo moral, “ético”, e que é definido como o caráter moral que o orador deve parecer ter, mesmo que não o tenha de veras; é a ética do orador que se apresenta, pelo discurso, aos seus interlocutores.

Hoje, com o advento da Nova Retórica, talvez melhor do que falar em moralidade seja falar em credibilidade e/ou confiança, conforme já colocamos, uma vez que Perelman e Tyteca (2002), em sua teoria da argumentação, nos fazem entender que há uma necessidade de o orador se adequar ao seu auditório, o que, segundo Amossy (2005), por isso mesmo, o orador realça, consciente ou inconscientemente, a construção de uma imagem de si no discurso.

Há alguns aspectos que devemos considerar (e também analisar) na constituição do *ethos*, entre eles, podemos dizer que o acordo inicial postulado entre as partes do discurso já contribui para a efetivação das imagens do auditório e, principalmente, do orador, que, no decorrer da argumentação, seleciona os argumentos mais eficientes para a defesa de suas teses, principalmente aqueles que possam trazer à presença comprovação do que está falando ou apoio ao seu discurso. Tais recursos atuam diretamente sobre a sensibilidade do auditório, aumentando-

lhe a adesão ao mesmo tempo em que constrói o *ethos* desse orador (PERELMAN e TYTECA, 2002).

À medida que esse orador se apresenta, projeta seu *ethos*, ele se coloca numa posição de autoridade. O auditório espera dele uma resposta aos seus anseios, pois parte do princípio de que ele, o orador, se não detém, deveria ter o conhecimento necessário para discutir satisfatoriamente sobre o que se propõe. Segundo Meyer

O *éthos* é a capacidade de pôr termo a uma interrogação potencialmente infinita. Para chegar a isso, o orador deve dar prova de um saber particular: ele deve saber que algumas das respostas que ele conhece a propósito *daquilo* (grifo do autor) de *que* ele trata são igualmente conhecidas do interlocutor, que na falta delas, repetirá a interrogação. (MEYER, 2007, p.43).

O *ethos*, então, demanda um saber específico. Ele se institucionaliza nos profissionais e/ou no homem comum, é capaz de despertar o interesse dos interlocutores do discurso e, de certa forma, pressupõe a verdade, embora, em se tratando da argumentação, já não seja possível falar em verdades absolutas, mas em fatos verossímeis, ou seja, aquilo que é pressuposto como verdadeiro no momento da enunciação do discurso. O *ethos* é, portanto, a fonte das respostas aos diversos anseios de quem dialoga com ele.

3. Dialogia e auditório

Se a Retórica Clássica, em parte, caiu em descrédito por considerar a linguagem ornamental como um dos principais fatores para a composição dos discursos, primando pela beleza e elegância de estilo (MONTEIRO, 1991), é preciso entendermos que tal descrédito ocorreu por não se considerar o papel decisivo do auditório, do(s) interlocutor(es), na instância de produção do discurso. No entanto, a Nova Retórica ou Teoria da Argumentação vem para explicar e se aplicar a quaisquer campos do conhecimento humano e a qualquer gênero do discurso, pois suas categorias de análise se inscrevem dentro do caráter sócio-interacional da linguagem (BAKHTIN, 1995/1997).

Perelman e Tyteca (2002), em seu Tratado de Argumentação, recuperam o conceito de auditório (*pathos*) estabelecido por Aristóteles, em duas concepções: o auditório universal e o

auditório particular. O primeiro é composto por toda a humanidade; o segundo por uma equipe de ouvintes com desejos conjugados ou não (heterogêneo), ou ainda por um único e exclusivo interlocutor, para quem se dirige a palavra em situações particulares.

A importância de considerar o auditório na análise de discursos é pertinente também aos estudiosos, pois, para o orador, logo de imediato, na constituição de seu discurso, se faz necessário iniciar um acordo com o(s) interlocutor(es), e isso se dá com base em valores que o próprio orador julga que o seu auditório possui ou em conhecimentos que acredita que seu auditório tem ou precisa ter, para só então conseguir a adesão necessária à tese (logos) que pretende defender. A esse respeito, Souza (2008, p. 61) diz:

Considerando que toda pessoa ao argumentar, ao escrever ou ao falar o seu texto e ao defender uma tese, já tem em mente o auditório ao qual está direcionado o seu discurso, supomos, então, que qualquer discurso ao ser falado/escrito, já traz em si influências recebidas de seus possíveis leitores/interlocutores.

Segundo Souza (2008), portanto, é neste ponto em que se dá a correspondência entre a teoria da Nova Retórica de Perelman e a do sócio-interacionismo de Bakhtin, pois Bakhtin também trabalha com o conceito de auditório, *auditório social* (BAKHTIN, 1995), que se assemelha ao auditório particular perelmaniano; e *auditório médio* (BAKHTIN, 1995), que corresponde ao universal de Perelman. Ambos consideram a linguagem como dialógica, como um movimento temporal e intersubjetivo, capaz de produzir efeitos de sentido, de forma que não há, portanto, palavra que não seja direcionada a um interlocutor e que não estabeleça um diálogo social que leve em conta o contexto imediato e/ou amplo da enunciação.

Na constituição dos discursos, as presunções constituem uma confiança que o orador busca ganhar ou construir junto ao seu auditório, de maneira que ele precisa dominar os valores de seu auditório particular, para criar, entre eles, um vínculo ético de confiança e aceitabilidade. Segundo Perelman e Tyteca (2002), há valores abstratos e valores concretos. São abstratos os valores que envolvem a razão, como a justiça e a verdade, e são concretos os que exigem comportamentos e virtudes, tais como a noção de lealdade, disciplina, relação entre pais e filhos, irmãos, pais, igreja etc.

Ao argumentar, o orador, mediante as circunstâncias, utiliza-se ora dos valores abstratos, ora dos valores concretos. Para Perelman e Tyteca (2002), mais importante do que admitir esses

valores é saber a hierarquização que eles ocupam no processo argumentativo. Isso ocorre porque não são os valores que caracterizam o auditório, mas a forma como ele os hierarquiza. As hierarquias variam de pessoa para pessoa, em função da cultura e das ideologias e isso faz com que um auditório formado por mais de uma pessoa se torne, por vezes, heterogêneo.

4. As teses e as técnicas argumentativas

O estudo do discurso revela que em qualquer situação comunicativa o sujeito/falante ou o sujeito/escritor está sempre argumentado, tomando posições. Sendo assim, ainda que inconscientemente, esse sujeito se utiliza de estratégias discursivas condizentes com seus objetivos para conseguir que seus possíveis interlocutores apoiem suas teses.

Tais estratégias, no campo da Nova Retórica, são conhecidas como *técnicas argumentativas*, de maneira que, na análise dos textos, veremos que sempre haverá uma técnica argumentativa que funcionará como axial, central, formulando a própria tese do texto. Perelman e Tyteca (2002), em seu Tratado, apresentam várias técnicas argumentativas, divididas em quatro grupos: os argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real, os argumentos que fundam a estrutura do real e os argumentos por dissociação das noções, sobre as quais faremos comentários, quando necessário, na análise dos próprios dados.

Embora as técnicas argumentativas constituam estratégias do falante/escritor para convencer seu interlocutor, não podemos deixar de ressaltar que o ato lingüístico, por meio do qual a argumentação se proclama, está fixado num contexto social e histórico onde a ideologia opera, uma vez que a intencionalidade de um discurso nem sempre está condicionada à vontade própria do falante/escritor, pois segundo Perelman e Tyteca (1996), a ação desse orador só é mais ou menos consciente, não há uma total liberdade, devido ao caráter dialético e dialógico da linguagem.

5. Uma análise argumentativa do *ethos* do professor

5.1 – O *corpus*

Para a realização da pesquisa, trabalhamos com respostas dadas pelos professores do Curso de Letras do CAMEAM, habilitações Língua Portuguesa e Língua Inglesa, no primeiro semestre do ano de 2008, durante o desenvolvimento da pesquisa *A função social dos textos trabalhados no ensino de língua materna e estrangeira: um estudo acerca dos gêneros discursivos adotados no Ensino Médio e Superior* (SOUZA, 2008b). De um total de treze questionários enviados, apenas seis retornaram, sendo esses, portanto, o *corpus* de nossa pesquisa.

Figura 1: Universo da pesquisa*

PROF. N°.	GRADUAÇÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	TEMPO NO MAGISTÉRIO	TEMPO NA INSTITUIÇÃO
01	Letras	Mestrado	11 anos	03 anos
02	Letras	Mestrado	Primeira experiência	Uma semana
03	Letras	Mestrado**	11 anos	10 anos
04	Letras	Especialização	10 anos	06 anos
05	Letras	Especialização	2,5 anos	1,5 anos
06	Letras	Especialização	09 anos	03 anos

* Tabela elaborada pelos autores do texto com base nos questionários da pesquisa.

**O professor optou por colocar também a informação de que estava em formação continuada: Curso de doutoramento em Teoria e História Literária.

5.2 – A imagem construída no discurso

Uma dos primeiros aspectos que vamos observar nos discursos dos professores do Curso de Letras do CAMEAM, nas construções de seus discursos, é a própria imagem que eles fazem de seus auditórios. Como o auditório, conforme nos diz Amossy (2005, P.124), é uma construção do próprio orador, neste trabalho, podemos perceber a influência dos pesquisadores nas respostas desses professores. É, pois, dessa imagem que esses professores fazem dos pesquisadores, que suas respostas tomaram determinados direcionamentos. Mais do que responder uma simples pergunta, todos eles buscaram construir uma imagem de credibilidade e convencer de sua capacidade profissional, valendo-se de uma argumentação que lhes afirmasse o caráter ético e profissional de cada um.

Entre as 13 questões respondidas, optamos por focalizar, aqui, somente uma, a que tratava da concepção e do trabalho com os gêneros textuais/discursivos nas aulas por eles ministradas no Curso de Letras do CAMEAM/UERN. Salientamos, aqui, que não nos compete, neste trabalho, julgar se a concepção de gêneros desses professores tem de fato uma consistência teórica, pois estamos interessados em ver como estes profissionais se colocam no discurso, como argumentam em favor de si. No momento em que lhes dirigimos a palavra, uma interrogação, pedíamos, em sentido amplo, que defendessem posições, suas teses, que articulassem suas defesas, pois, como sabemos, em se tratando de argumentar, o discurso se encaminha também para o mundo do verossímil, e não somente das evidências (REBOUL, 2002).

Neste sentido, vejamos, então, como cada um desses professores se colocou diante dos pesquisadores, como cada um deles se constituiu argumentativamente em suas respostas, isto é, como o *ethos* de cada um se revela por meio do próprio discurso. Consideremos a questão:

Qual a concepção de gêneros textuais/discursivos que você assume na sua prática de sala de aula?

Prof. 01 - A concepção discursiva que o gênero é o instrumento pelo qual nós organizamos nossos enunciados. São “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin).

Por meio de uma linguagem bastante direta, o professor 01 se coloca diante de seus interlocutores (os pesquisadores), ao ser interrogado sobre sua concepção de gêneros textuais/discursivos de forma conceitual. O professor, como orador, constrói sua resposta em torno do argumento por definição (argumento quase-lógico), ancorado pelo argumento de autoridade (argumento que funda a estrutura do real), uma vez que ele define a concepção que tem sobre o assunto, bem como a definição do que seja gênero, utilizando-se, no final, do recurso da citação, pois sabe que o seu auditório mais imediato é do meio acadêmico. Importa-lhe dar uma explicação sucinta, mas que traga à presença deste auditório a autoridade constituída, Bakhtin. Nisto, ele propõe de si mesmo uma imagem de autoridade no assunto, constituindo-se, portanto, como um *ethos* que se propõe confiável e que se diz possuidor do conhecimento necessário a trabalhar com o assunto em pauta, os gêneros textuais/discursivos.

Prof. 02 - Acredito assumir uma concepção de gênero em consonância com os pressupostos sócio-interacionistas, considerando que não consigo vislumbrar o trabalho com os gêneros sem considerar a compreensão sobre as condições sócio-históricas em que eles são produzidos.

O *ethos* desse professor começa a se construir desde as primeiras palavras proferidas. A sua argumentação firma um acordo inicial com seus interlocutores, no sentido de que ele se coloca como alguém prudente, alguém que “acredita assumir” determinada concepção. Firmado esse contrato e pressupondo a disposição do auditório para lhe ouvir, o orador assume, de fato, a defesa de sua tese e, conseqüentemente, a imagem que busca construir: a de um professor seguro, convicto do que diz e das limitações que as teorias nos impõem. Para defender sua tese, sua imagem, ele busca dar ao seu interlocutor mais imediato (aos próprios pesquisadores) uma resposta que se baseia nas ligações de ato pessoa (argumentos que se baseiam na estrutura do real), afirmando que o valor de uma ação (o trabalho com os gêneros) está ligado a pessoa que a executa (aquela que compreende as condições sócio-históricas dos gêneros); considera ter o conhecimento necessário para atuar e admite a incapacidade de outros professores no assunto. Ele é, portanto, um professor que se reconhece profissionalmente e que considera ter autoridade no assunto, e que, por isso mesmo, evita afirmações categóricas.

Prof. 03 – não tenho acompanhado as discussões mais recentes sobre gêneros textuais. Compreendo “gêneros textuais/discursivos” como formas específicas de texto, que apresentam características próprias na sua organização estrutural, tais características – perceptíveis na linguagem de um modo geral – estariam vinculadas (condicionadas) à funcionalidade dos textos.

O orador em questão também estabelece um acordo prévio com seus interlocutores, preservando sua face, para que não tenha sua imagem ferida, mediante suas declarações posteriores. Esse acordo prévio está relacionado ao não acompanhamento, por ele, das discussões recentes na área, e que, por isso, os seus interlocutores (os pesquisadores) devem levar essa questão em consideração na análise de sua resposta. Embora esse acordo consista em dizer que ele, o orador, não tem acompanhado as discussões sobre o assunto, o orador utiliza-se do argumento por definição (argumento quase-lógico) para mostrar que como professor, interlocutor a quem cabe a palavra ali no momento, tem a condição ou a obrigação de dar uma resposta aos seus interlocutores, ao seu auditório. Pelas suas ações, busca a confirmação do seu caráter, nisto propõe ser ele mesmo um modelo, um exemplo (argumento que funda a estrutura do real). Para

ele, importa apresentar-se diante dos seus interlocutores (em especial dos pesquisadores) como um professor sério, que reconhece as suas limitações. Ao contrário dos professores 01 e 02, o professor 03 não se considera uma autoridade no assunto, mas zela por sua imagem, haja vista a articulação dos argumentos e a clareza da própria definição, construída por um discurso acadêmico, que pode ser facilmente identificado por seus interlocutores.

Prof. 04 - assumo a concepção de gêneros discursivos enquanto meios das diversas concretizações da produção de sentidos em sala de aula, ou seja, sempre levando em conta as características específicas do momento de produção.

A argumentação constitutiva da imagem desse professor também se dá pela definição (argumento quase lógico) do que para ele sejam gêneros textuais/discursivos. Em seu discurso, busca uma imagem de sinceridade, diz assumir uma concepção e, como forma de evitar mal entendidos, ou novas perguntas, complementa com uma explicação, ou melhor, com uma justificativa a definição dada. Seu *ethos* se constitui por um valor abstrato (a sinceridade), que ele julga interessante para si diante de seu auditório imediato, os pesquisadores, e ainda para seus alunos. Assim, busca convencer de sua atuação em sala de aula, propondo que consegue estabelecer uma relação entre teoria e prática.

Prof. 05 – uma concepção interacionista pautada na produção de sentidos e na contextualização de informações intrínsecas e extrínsecas.

Valendo-se de uma resposta sucinta, com informações/definições bastante gerais, o *ethos* desse professor é de um orador que imagina de seu auditório um conhecimento sobre o assunto, de forma que julga desnecessário e prudente não apresentar maiores explicações. Constrói, portanto, um *ethos* com base no saber que lhe é socialmente conferido como professor, colocando-se, com cautela, diante de uma perspectiva mais ampla da linguagem, evitando entrar na discussão específica acerca dos gêneros textuais. Opta, assim, por esquivar-se de um posicionamento teórico sobre o assunto específico, o que lhe permite preservar também a imagem de professor de Letras e evita que seja analisado por algo de que não parece ter domínio.

Prof. 06 - Eu, particularmente, nas disciplinas de comunicação e produção textual de língua inglesa, trabalho textos narrativos, descritivos e discursivos. Este último tem a nomenclatura “essay” em inglês. No caso dos gêneros discursivos, são trabalhados no 5º período de língua inglesa e se dividem em ensaios de opinião; ensaios com prós e contras; ensaios com resolução de problemas e etc.

Contrariamente aos discursos dos outros professores vistos até aqui, o professor 06 assume uma identidade particular, a identidade de professor de língua estrangeira (língua inglesa). Ele defende/constrói sua imagem de professor de língua estrangeira por meio de uma argumentação de caráter quase-lógico, por definição, que consiste em explicar seu entendimento sobre o assunto, estabelecendo uma diferenciação entre o que considera gêneros discursivos e não discursivos. Essa argumentação por definição é ancorada pelos argumentos por divisão: as partes que compõe o todo (os tipos de ensaio que ele mostra). Esse orador se define como um professor que julga ter um conhecimento particular próprio de sua área de atuação, conhecimento este que acredita ser desconhecido do seu auditório mais imediato – os pesquisadores, e que, por isso, necessita de explicações detalhadas. Ao se propor explicar passo a passo suas concepções teórico/práticas, esse professor busca convencer de sua atuação em sala de aula, de sua própria metodologia de trabalho, isto é, ele diz ser um professor didático, que procura facilitar a compreensão, que se preocupa com a aprendizagem do aluno. É, portanto, essa a imagem que tem de si.

5.3 - Discutindo o que vimos: a imagem em análise

As análises acima nos colocam diante de algumas questões. Vimos que todos os professores entrevistados se reconhecem profissionais. Todos eles buscam fornecer uma resposta que julgam satisfatória aos seus interlocutores, todos elegem seu auditório particular (os pesquisadores/ os alunos) e buscam adequar-se a eles.

Considerando que o *ethos* é um saber instituído, que é a resposta para os anseios do auditório, podemos ver que os professores 01 (um) e 02 (dois), embora usando estratégias argumentativas diferenciadas, demonstram, por seus argumentos, certa autoridade no assunto. O professor 01, em específico, delimita e amarra seu discurso, no sentido de evitar uma contra-argumentação. O professor 04 propõe convencer pela justificativa, por trazer o assunto para a sala de aula, afirmando que relaciona teoria e prática no trabalho com os gêneros textuais; o

professor 05 propõe persuadir pela objetividade ou distanciamento pessoal; e o professor 06 se define por didatizar seu conhecimento para o auditório elegido, os pesquisadores e os próprios alunos, o que também pode ser um ponto negativo, uma vez que ele pode está ignorando ou subestimando o conhecimento do seu auditório e/ou dando margem a uma contra-argumentação, em virtude das redundâncias criadas no discurso.

Chamamos a atenção para o caso do professor 03. Ele diz não estar acompanhando as discussões recentes sobre o assunto, e pressupomos que não aleatoriamente ele foi o único a fornecer dados relativos à sua pós-graduação (em área diferente daquela que é foco da pesquisa) ainda não concluída (Ver quadro 01), dados que nos parecem relevantes citar, uma vez que o leitor poderia inferir que, pelo tempo de serviço na instituição (11 anos) e pela parte inicial da resposta, esse professor estaria acomodado. No entanto, constatamos que o efeito de sentido provocado pelo discurso desse professor constitui um *ethos* que se coloca como um modelo de professor, aquele que busca convencer por seu esforço, por seu conhecimento base, articulando um discurso acadêmico/científico.

Como nosso propósito é buscar compreender a imagem que cada professor tem de si, seu *ethos*, acreditamos que, entendendo as constituições discursivas desses professores, entendemos melhor também como eles se constituem como profissionais da área Letras, como formadores de professores de línguas e literaturas, cuja finalidade maior é o ensino e trabalho com os diversos gêneros textuais/discursivos na Educação Básica. Vimos que argumentativamente eles recorrem aos valores que julgam ser importantes para seu auditório, pois como afirma Perelman e Tyteca (2002), todo auditório tem seus valores e cabe ao orador estudar-lhes para garantir a adesão de suas teses. Vimos, ainda, que, todos eles elegeram somente os pesquisadores como auditório imediato; não houve diálogo, por exemplo, com o Projeto-Pedagógico do Curso de Letras do CAMEAM nem tampouco com o perfil dos nossos formandos (Licenciados). No caso dos professores, valores ou qualidades como prudência, moralidade, sinceridade, e, acima de tudo, segurança teórica, acadêmica (ou mesmo evitar demonstrar insegurança), entre outros, foram os seus construtos diante de seus interlocutores, para garantir-lhes a credibilidade.

Vejamos, em síntese, a argumentação de cada um desses professores e a imagem que têm ou fizeram de si no discurso.

Figura 2: A construção do *ethos* dos professores do CAMEAM/UERN*

<u>PROFESSOR</u> Nº	QUALIDADE/ VALORES EMPREGADOS	ARGUMENTOS UTILIZADOS NO DISCURSO	IMAGEM DE SI – <i>ETHOS</i>
01	Moralidade/seriedade	Argumentação quase-lógica; definição / argumentação que funda a estrutura do real: argumento de autoridade	Professor teórico/ presume certa autoridade no assunto
02	Prudência/compromisso/ Segurança	Argumentação com base no real: ligação ato pessoa	Professor que se reconhece como professor/ admite certa autoridade no assunto
03	Prudência/ racionalidade	Argumentação quase-lógica: definição – Argumentação que funda o real: argumento pelo modelo	Não se considera uma autoridade no assunto, mas se reconhece como professor esforçado/competente.
04	Sinceridade, prático	Argumentação quase-lógica: definição / justificção	Professor teórico-prático
05	Seriedade, prudente	Argumentação quase-lógica: definição	Professor com visões muito gerais
06	Seriedade, didático	Argumentação quase-lógica: definição, divisão	Professor de língua estrangeira, que se propõe facilitador da aprendizagem

*Tabela elaborada pelos autores do texto.

Palavras finais

Neste trabalho, investigamos o *ethos* de alguns professores atuantes no Curso de Letras do CAMEAM/UERN, nas habilitações de Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Os resultados obtidos, por meio de nossas análises, revelam-nos que esses professores se vêem diferentes no discurso, alguns conseguem articular melhor a defesa de suas teses (posturas teórico-práticas) e, conseqüentemente, a defesa de sua própria imagem, seu *ethos*. Outros deixam lacunas facilmente detectáveis, seja pelas relações de distanciamento que preferiram manter com seus interlocutores, por acreditarem que isso não os compromete de todo com a das declarações dadas, seja pelo nível de domínio que têm em relação ao assunto, o que não nos cabe aqui julgar.

Como profissionais de Letras, formadores de docentes de línguas e literaturas, que trabalham diretamente com a linguagem, observamos que esses professores revelaram uma preocupação de se colocarem como bons produtores de discurso, de saber articular seus argumentos em defesa de suas opiniões, para convencerem seus interlocutores e conseqüentemente fortalecerem a sua credibilidade como professores do Ensino Superior. Além disso, observamos que, ao estudar o *ethos* desses professores, pudemos verificar, ainda, um distanciamento entre as imagens que fazem de si e a imagem do que é um professor de Curso de Licenciatura em Letras, cujos egressos são preparados para atuarem como professores da Educação Básica, tendo, como objeto de ensino, os gêneros textuais/discursivos. Por último, ressaltamos, pela análise dos dados dessa pesquisa e de outras desenvolvidas (SOUZA, 2006, 2007, 2008b), que a diversidade de *ethos* dos professores, como profissional das línguas, repercute demasiadamente na própria atuação em sala de aula, no Curso de Letras, e, por conseguinte, na não unidade de uma proposta pedagógica ligada ao Projeto Político-Pedagógico do próprio Curso.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução de A.P. de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 199-, [395ª.]
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7 ed. Tradução de M. LATIVO; Y. F. VIEIRA. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- MEYER, M. **A unidade da retórica e seus componentes**: éthos, páthos, logos. In: **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.
- MONTEIRO, J.L. **A estilística**. São Paulo: Ática, 1991.
- PERELMAN, C. **O império retórico**: retórica e argumentação. Tradução de F. TRINDADE; R. A. GRÁCIO. Porto: Ed. ASA, 1993.
- PERELMAN, C., OLBRESCHTS – T. L. **Tratado de argumentação**: a nova retórica. Tradução M. E. GALVÃO. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução de I. C. BENEDETTI. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- SOUZA, Gilton Sampaio de. **Argumentação no discurso**: questões conceituais. In: FREITAS, Alessandra Cardozo de; RODRIGUES, Lílian de Oliveira; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa

(Orgs.). **Linguagem, discurso e cultura:** múltiplos objetos e abordagens. Pau dos Ferros: Queima Bucha, 2008a.

SOUZA, Gilton Sampaio de (Coord.). **Relatório técnico final de atividades:** Pesquisa “Os Gêneros do discurso nas aulas de língua materna do Ensino fundamental e Médio: um estudo sobre o ensino da leitura e produção de textos”. 37 p. Departamento de Letras do Campus Avançado “Profª. Mª Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2006. (Apoio: CNPq/FAPERN).

SOUZA, Gilton Sampaio de (Coord.). **Relatório técnico final de atividades:** Pesquisa “O perfil dos egressos do Curso de Letras do CAMEAM/UERN”. Departamento de Letras do Campus Avançado “Profª Mª Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2007.

SOUZA, Gilton Sampaio de (Coord.). **Relatório técnico final de atividades:** Pesquisa “A função social dos textos trabalhados no ensino de língua materna e estrangeira: um estudo acerca dos gêneros discursivos adotados no Ensino Médio e Superior”. Departamento de Letras do Campus Avançado “Profª Mª Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2008b.